

Uma razoável bibliografia é indicada nas pp. 211-224, fechando o volume com um generoso e minudente índice remissivo (pp. 225-255), que muito facilita a consulta deste eficaz e elucidativo instrumento de consulta, do qual tirarão sumo proveito, antes de mais, os alunos universitários que nos seus planos de estudos incluem a civilização que floresceu no Egito faraónico.

Luís Manuel de Araújo

ERIK HORNUNG, CHRISTIAN LOEBEN e ANDRÉ WIESE, *Immortal Pharaoh. The Tomb of Thutmose III*, Madrid: Factum Art, United Exhibits Group, 2005, 200 pp., profusamente ilustrado, ISBN 84-609-7093-0

Este bem paginado álbum foi preparado para acompanhar a exposição dedicada a Tutmés III, um «faraó imortal», e ao seu túmulo no Vale dos Reis, cuja decoração mural é diferente de todos os outros túmulos reais dessa famosa necrópole régia. O rei que é o protagonista da iniciativa museológica foi um dos maiores faraós do Império Novo e mesmo de toda a longa história do Egito. Reinou durante a XVIII dinastia, de 1479 a 1425 a. C. (os primeiros vinte anos em co-regência com Hatchepsut), durante uma era rica em acontecimentos político-militares que alguns consideram ter sido a mais gloriosa do antigo Egito. Tutmés III ficou conhecido por manter as fronteiras do país das Duas Terras eficazmente protegidas contra os inimigos africanos na Núbia e os inimigos asiáticos na Síria-Palestina.

As paredes do túmulo de Tutmés III, sito no Vale dos Reis em Lucsor Ocidental, contêm a primeira descrição completa do «Livro de Amduat» (ou seja, «O que está no Além», na Duat), que descreve o percurso nocturno do Sol e é uma espécie de crónica da viagem do faraó durante as doze horas de escuridão desde o pôr do Sol até ao seu nascer na manhã seguinte. Este texto, de timbre mágico-profiláctico, é como que um manual para alcançar a imortalidade, contendo os encantamentos e fórmulas necessárias para ultrapassar os perigos do mundo inferior. Como nos dizem as paredes do túmulo, esta informação é pertinente tanto para os vivos como para os mortos, «com provas dadas um milhão de vezes». O estilo do «Livro de Amduat» inspirou um género literário a que pertencem o «Livro das Portas», o «Livro das Cavernas», o «Livro da Vaca Sagrada», entre outros. A câmara do sarcófago de Tutmés III, com a sua forma ovalada,

sugerindo uma enorme cartela subterrânea, com as doze horas de Amduat lá representadas, serviu de espaço de acolhimento para a exibição dos objectos seleccionados, e desta forma os beneficiários foram os muitos visitantes que acorreram à exposição organizada em Madrid – a qual, infelizmente, não chegou a Portugal.

Factum Arte fez uma réplica exacta da câmara funerária de Tutmés III, que nos dá uma visão sem precedentes dos textos e pinturas do túmulo sem danificar o original, tal como a Kodak tinha feito em 1979 na magnífica reconstituição do túmulo da rainha Nefertari na Fundação Calouste Gulbenkian, um evento ainda hoje recordado como um marco no início dos estudos egíptológicos no nosso país.

As felizes ideias que resultaram na montagem da exposição foram originalmente concebidas pelo conhecido egíptólogo Erik Hornung (grande especialista da religião do antigo Egipto e agora professor emérito da Universidade de Basileia) e por Theodor Abt (presidente dos «Amigos dos Túmulos Reais do Egipto», Zurique). Para a concretização da mostra, subordinada ao título «Faraó Imortal – O túmulo de Tutmés II», Christian Loeben e André Wiese procederam a uma selecção de objectos das colecções egípcias a seu cargo: Kestner-Museum em Hanover (Alemanha), onde o primeiro é o seu director, e Antikenmuseum Basel und Sammlung Ludwig (Suíça), a que está ligado o segundo. Estes objectos originais, que aqui foram reunidos, ilustram os temas do Amduat e os rituais envolvendo a mumificação, o sepultamento e o renascimento.

O volume abre com um texto introdutório de Teit Ritzau (p. 7), seguindo-se uma evocação de «Tutmés III e o seu tempo», redigida por Christian Loeben (pp. 11-17), o que permite ao leitor ter uma visão completa do essencial acerca do longo reinado deste famoso monarca. Um sugestivo dado, que se colhe na decoração das paredes do túmulo real, é a presença da rainha Meritré Hatchepsut, esposa de Tutmés III e mãe do herdeiro do trono, o futuro Amen-hotep II (1425-1400 a. C.). A grande esposa real aparece três vezes representada na pintura mural da tumba, duas delas no contexto da quarta hora do Amduat – e esta é a primeira vez que uma rainha egípcia surge no túmulo de um faraó.

Em seguida vem uma resumida descrição do espaço fúnebre que permite ver «O túmulo de Tutmés III», num texto elaborado por Erik Hornung (pp. 19-21), e depois, do mesmo autor, «O Amduat» (pp. 23-32), com detalhada informação acerca das imagens e dos textos que ilustram o tema nas paredes do túmulo.

Coube a Christian E. Loeben descrever «O sarcófago de Tutmés III» (pp. 35-37), que ainda se encontra no local, um belo exemplo dos sarcófagos reais da XVIII dinastia feitos de quartzito, uma rocha que já antes fora preferida por Hatchepsut, a contrastar com o granito, material mais usado no Império Médio, e com o diorito, preferido para os sarcófagos reais do Império Antigo.

De novo surge a colaboração de Erik Hornung, desta feita com «A litania de Ré» (pp. 39-43), um texto que foi escolhido para figurar nas paredes do túmulo juntamente com o «Livro de Amduat», e que em egípcio exhibe o mais desenvolvido título de «Livro da Adoração de Ré no Ocidente, a Adoração do Unido no Ocidente». O mesmo autor é o responsável pelo capítulo intitulado «Encarando os deuses» (pp. 45-46), que alude a uma vasta panóplia de divindades (só no «Livro de Amduat» estão presentes mais de novecentas entidades divinas). Segue-se um sucinto glossário elaborado por Begoña Gugel Gironés (pp. 47-49).

As páginas seguintes mostram as representações das doze horas de Amduat que estão presentes nas paredes do túmulo de Tutmés III (pp. 51-75), desde a primeira hora (quando o defunto entra no outro mundo) à décima segunda (altura em que o Sol passa através do corpo da serpente), antecedendo o catálogo dos objectos expostos, evocativos do tempo de Tutmés III e das práticas funerárias, da responsabilidade de Christian Loeben e André Wiese (pp. 79-171), com contribuições de Biri Fay e Marc Loth. Foram seleccionados 43 objectos, todos com um texto explicativo, no final do qual se oferece uma bibliografia alusiva.

Após o catálogo foram reunidos alguns textos complementares que começam pelo que refere a importância da «Conservação na era da reprodução digital» (pp. 175-187), da autoria de Adam Lowe, a apresentação da pouco conhecida «Ägyptische Kunst im Antikenmuseum Basel», elaborada por André Wiese (pp. 190-191), e a mais conhecida «Ägyptische Sammlung des Kestner-Museums», redigida por Christian Loeben (pp. 192-195).

Finalmente vem uma cronologia do Antigo Egipto (p. 198), proposta por Rolf Krauss, de acordo com as investigações mais recentes, e um diagrama do túmulo de Tutmés III, que inclui um esquema mostrando a posição da representação das doze horas de Amduat nas paredes da câmara do sarcófago (p. 199), fechando a obra com uma tábua de concordância das peças expostas e com os créditos fotográficos (p. 200).

Trata-se, em suma, de um proveitoso álbum que se folheia com interesse e que despertará por certo nos leitores o desejo de ver ao vivo o túmulo que aqui se apresenta, o qual, embora seja um dos mais distantes do circuito habitual do Vale dos Reis (é o KV 34, no extremo sul da necrópole), vale bem o esforço de o alcançar e o admirar.

Luís Manuel de Araújo

NÚRIA CASTELLANO I SOLÉ, *L'Arquitectura Funerária al Període Saïta*, Barcelona: Universitat de Barcelona, 2007, 454 pp., com ilustrações, ISBN 978-84-475-3242-1

Este volume constitui a tese de doutoramento de Núria Castellano, apresentada à Universidade de Barcelona em 15 de Fevereiro de 2006, e cujo júri tivemos a honra e o prazer de integrar por amável convite do professor Doutor Josep Padró, que aliás foi o orientador desta tese exitosamente concluída. Agora o texto encontra-se à disposição de um vasto público que aprecia os temas relacionados com o antigo Egipto e, sobretudo, proporciona aos egiptólogos novos e alicerçados dados fundamentais para um estudo mais aprofundado da Época Baixa e do período saíta em particular, «una de les èpoques menys conegudes de la història de l'Egipte faraònic» (p. 7).

A Autora integra regularmente a Missão Arqueológica Espanhola de Oxirinco, a qual, como é próprio de missões que escavam no Egipto, apresenta atempadamente os seus relatórios minudentes e rigorosos das suas actividades de prospecção na área. Faz também parte da Societat Catalana d'Egiptologia que apoiou a edição deste volume de inegável interesse.

Depois dos preambulares «agraïments» (p. 5) vem uma «Introducció general» (pp. 7-16), onde se esclarecem aspectos relacionados com a terminologia e se sintetizam as problemáticas e os estudos até hoje realizados sobre as tumbas saïtas, sendo dado um especial relevo aos trabalhos levados a cabo na necrópole de Oxirinco, ainda hoje em curso, e que a Autora bem conhece por experiência própria.

O contexto geográfico é apresentado no capítulo II (pp. 17-18), seguindo-se o contexto histórico-arqueológico (pp. 19-28), onde é feita uma sùmula do período saíta e sublinhados os factos principais que caracterizam a XXVI dinastia (664-525 a. C.).